



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E APLICADAS – CCSA**  
**DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – DECOM**  
**CURSO DE BACHARELADO EM JORNALISMO**

**ALLAN MELO DA SILVA**

**A ESSÊNCIA DO JORNALISMO LITERÁRIO NO ENSAIO “PENSE NA LAGOSTA” DE  
DAVID FOSTER WALLACE**

**CAMPINA GRANDE- PB**

**2024**

**ALLAN MELO DA SILVA**

**A ESSÊNCIA DO JORNALISMO LITERÁRIO NO ENSAIO “PENSE NA  
LAGOSTA” DE DAVID FOSTER WALLACE**

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC,  
apresentado à Coordenação do Curso de  
Jornalismo da Universidade Estadual da  
Paraíba – UEPB, como requisito para obtenção  
do título de Bacharel em Jornalismo.

**Área de Concentração:** Mídia e Estudos  
Culturais

**Orientadora:** Prof. Dr<sup>a</sup>. Ada Kesea Guedes Bezerra

**CAMPINA GRANDE- PB  
2024**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586e Silva, Allan Melo da.

A essência do jornalismo literário no ensaio "Pense na lagosta" de David Foster Wallace [manuscrito] / Allan Melo da Silva. - 2024.

18 p.

Digitado. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, 2024. "Orientação : Profa. Dra. Ada Kesea Guedes Bezerra, Departamento de Comunicação Social - CCSA. "

1. Jornalismo literário. 2. David Foster Wallace. 3. Ensaio jornalístico. I. Título

21. ed. CDD 070.4


ALLAN MELO DA SILVA

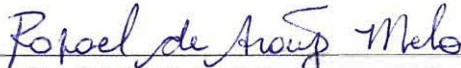
**A ESSÊNCIA DO JORNALISMO LITERÁRIO NO ENSAIO “PENSE NA LAGOSTA” DE DAVID FOSTER WALLACE**

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC (Artigo) apresentado à Coordenação do Departamento de Comunicação Social da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Aprovado em: 26/09/2024.

**BANCA EXAMINADORA**

  
Prof. Dra. Ada Kesea Guedes Bezerra (Orientadora)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

  
Prof. Me. Rafael de Araújo Melo  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

  
Prof. Dr. Jurani Oliveira Clementino  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

*“Você vai ficar bem menos preocupado com o que as outras pessoas pensam de você quando perceber como elas pensam pouco em você.”*

*David Foster Wallace*

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>6</b>
<b>2. DAVID FOSTER WALLACE.....</b>	<b>7</b>
<b>3. JORNALISMO LITERÁRIO: BREVE ABORDAGEM HISTÓRICA E CONCEITUAL.....</b>	<b>8</b>
<b>4. O ENSAIO COMO TEXTO JORNALÍSTICO.....</b>	<b>10</b>
<b>5. PENSE NA LAGOSTA – UMA PROPOSTA DE ANÁLISE.....</b>	<b>12</b>
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>16</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>17</b>

## A ESSÊNCIA DO JORNALISMO LITERÁRIO NO ENSAIO “PENSE NA LAGOSTA” DE DAVID FOSTER WALLACE

Allan Melo da Silva<sup>1</sup>

### RESUMO

Esse artigo foi idealizado a partir da perspectiva do jornalismo literário tendo o ensaio como uma possibilidade de gênero jornalístico adequado para a construção de narrativas suaves com elementos literários. O objetivo é debater como o ensaio jornalístico pode ser produzido com outros olhares, trazendo foco aos personagens, suas histórias e seu modo de ver o mundo, convidando o respectivo leitor a refletir e compreender sobre essa vertente do jornalismo. Para tanto foi selecionado para a análise o ensaio “Pense na Lagosta”, do aclamado romancista norte-americano David Foster Wallace, que também escreveu grandes-reportagens. Wallace era tão criativo que transformou algo tão peculiar como o hábito de comer lagostas em um texto antológico. Seu ensaio está na antologia “Ficando longe do fato de já estar meio que longe de tudo”, publicada pela editora Companhia das letras e traduzida para o português em 2012. A partir de análise descritiva e qualitativa, o objeto de estudo é contemplado à luz de perspectivas teóricas de autores como Pena (2006); Lima (2005); e Larrosa (2004), dentre outros, e consegue promover uma reflexão sobre esse formato jornalístico.

**PALAVRAS-CHAVE:** Jornalismo Literário; David Foster Wallace; Ensaio; Pense na Lagosta.

### ABSTRACT

This article was conceived from the perspective of literary journalism, with the essay as a possible journalistic genre suitable for the construction of smooth narratives with literary elements. The objective is to discuss how the journalistic essay can be produced with different perspectives, bringing focus to the characters, their stories and their way of seeing the world, inviting the respective reader to reflect and understand this aspect of journalism. To this end, the essay “Think about the Lobster” by the acclaimed American novelist David Foster Wallace, who also wrote major reports, was selected for analysis. Wallace was so creative that he transformed something as peculiar as the habit of eating lobsters into an anthological text. His essay is in the anthology “Getting Away from the Fact of Already Being Kind of Far Away from Everything”, published by Companhia das Letras and translated into Portuguese in 2012. Based on descriptive and qualitative analysis, the object of study is contemplated in light of theoretical perspectives of authors such as Pena (2006); Lima (2005); and Larrosa (2004), among others, and manages to promote a reflection on this journalistic format.

**KEYWORDS:** Literary Journalism. David Foster Wallace. Rehearsal. Think of Lobster.

---

<sup>1</sup> Graduando do curso de Jornalismo da Universidade Estadual da Paraíba – Campus I. E-mail: [allanmelo5566@gmail.com](mailto:allanmelo5566@gmail.com)

## 1. INTRODUÇÃO

No contexto moderno do jornalismo tradicional, a busca por uma narrativa interessante e uma reflexão significativa levou muitos profissionais da comunicação a investigar e experimentar os mais diferentes métodos de expressão escrita. Dentre essa modalidade, destaca-se o jornalismo literário que contempla diferentes gêneros textuais, que ultrapassam os limites da simples reportagem factual. Neste artigo discutimos em profundidade um desses gêneros, o ensaio, concentrando-nos na vida, no legado, e sobretudo, em uma das produções de um dos escritores mais significativos da cena contemporânea, o autor norte americano David Foster Wallace.

David Foster Wallace pode não ser muito conhecido do público brasileiro, mas para os seus fãs e leitores assíduos, ele é considerado mais do que a voz de uma geração, mas também a voz da autoconsciência. Isso ocorre porque o citado nova-iorquino tem uma capacidade anômala de perceber o que está ao seu redor com uma abordagem clínica e tem um talento único para converter o que está ao seu redor em algo útil.

Dada a devida importância de David Foster Wallace na literatura e a qualidade de suas obras, é relevante que as produções de não-ficção também recebam essa atenção. Este artigo pretende, então, analisar um ensaio do escritor segundo os preceitos do jornalismo literário. Foi escolhido o ensaio intitulado de “Pense na Lagosta”,<sup>2</sup> ensaio sobre o Festival da Lagosta do estado do Maine nos EUA realizado no ano de 2003, no qual o escritor questiona o consumo do crustáceo. No ano seguinte, ou seja, em 2004 esse ensaio foi publicado na extinta revista de culinária chamada “Gourmet”.

Trata-se então de uma pesquisa de abordagem qualitativa, de caráter exploratório, que apresenta uma abordagem inicial do tema, mas capaz de colaborar com outros estudos nessa área, como também para pesquisas futuras. Também se fez uma investigação bibliográfica considerando autores de dois campos do jornalismo, ou seja, do jornalismo literário e do gênero textual ensaio jornalístico para melhor compreensão dos leitores a respeito do tema abordado.

Denzin e Lincoln (2006) explicam que a pesquisa qualitativa é caracterizada por uma abordagem interpretativa do mundo. Esta abordagem envolve estudar fenômenos no ambiente natural e tentar compreendê-los a partir da perspectiva das pessoas que trabalham com eles. Já a abordagem bibliográfica se fez considerando estudos de Pena (2006), Traquina (2005) e Lima (2005) que explicam a temática do jornalismo literário a se contemplar no presente artigo. Para tanto os pressupostos teóricos em relação ao ensaio no jornalismo aqui apreendidos, consistem nas perspectivas dos autores Reis (2013), Larrosa (2004), Adorno (2003), entre outros.

Vale ressaltar a ausência de pesquisas acadêmicas no gênero ou entre estudantes quando vistas sob uma perspectiva científica. A escassez de estudos sobre este assunto é bastante notável. E que existe uma lacuna significativa no exame desta prática no âmbito acadêmico. No âmbito do jornalismo profissional, o jornal serve de plataforma para contemplar a construção do espaço onde a cultura nacional é partilhada diariamente. Em termos mais simples, isso se refere à prática do ensaísmo. Ao expandir o âmbito dos métodos de escrita jornalística, pode-se descobrir neste gênero o potencial não só para definir a natureza do jornalismo factual, mas também para reconsiderar a formação do significado cultural e social, incluindo a identidade nacional. Aqui nesta pesquisa iremos ver que o David Foster Wallace utilizou das técnicas do jornalismo literário para traduzir na sua escrita uma narrativa que envolvesse o leitor, levando o ensaio “Pense na Lagosta” ao patamar da profunda reflexão crítica.

---

<sup>2</sup> Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/materia/pense-na-lagosta/>> Data de acesso: 03/09/2024.



## 2. DAVID FOSTER WALLACE

David Foster Wallace nasceu em 21 de fevereiro de 1962 em Ithaca, Nova York. Seu falecimento em 12 de setembro de 2008 foi causado por uma depressão de longa data que desenvolveu quando criança, o que o colocou na vanguarda da literatura moderna. Já durante a infância, ele apresentava sinais de sofrimento emocional. De acordo com D.T. MAX (2012), os primeiros sinais de tristeza e ansiedade aparecem aos 9 anos. Seus pais disseram que ele sofria crises de depressão temporárias, mas periódicas. Na adolescência, ele sofreu tanto por causa dessa ansiedade que passou a usar uma bandana na cabeça, que acabou se tornando uma marca pessoal.

Ele era filho de estudiosos. Seu pai, James Donald Wallace, ensinou filosofia na Universidade de Illinois em Urbana, onde foi criado DFW<sup>3</sup>. Sua mãe, Sally Foster Wallace, ensinou inglês no Parkland College e foi premiada como Professora Nacional do Ano em 1996. Além disso, DFW tinha uma irmã mais nova, Amy Wallace Havens, que se tornou advogada em 2005.

De acordo com D.T. MAX (2012), autor da biografia “Every Love Story is a Ghost Story: The Life of David Foster Wallace” (Toda história de amor é uma história de fantasmas: a vida de David Foster Wallace) 2012, por causa dos pais, DFW foi incentivado a apreciar a literatura e esse interesse tornou-se um protótipo, mas às vezes o levou a ser vaidoso e arrogante como estudante. Apesar de não saber o propósito de sua vocação, dedicou muitos anos à crença de que deveria examinar mais de perto toda a sua obra. Ainda jovem, dedicou-se ao tênis (esporte que já era popular quando ingressou na faculdade) e começou a usar maconha, hábito que manteve por muitos anos. Ele ficava intrigado com programas de televisão, filmes e novelas, devido ao seu fascínio profundo pelas obras de ficção nas produções audiovisuais. No início dos anos 80, DFW ingressou na Universidade de Massachusetts em Amherst para estudar filosofia. Inspirado pelo austríaco Ludwig Wittgenstein, um dos fundadores da filosofia analítica, logo depois perdeu a tradição paterna de estudar filosofia. No entanto, obteve uma dupla graduação em Inglês e Filosofia; os assuntos de seu interesse incluem lógica modal e matemática.

Ele é considerado um filósofo ilustre, e sua tese sênior, “Richard Taylor fatalism and the semantics of physical modality” (O fatalismo de Richard Taylor e a semântica da modalidade física) 1985, lhe rendeu o Prêmio Memorial Gayle Kennedy. Em 1987, este ensaio em inglês tornou-se seu primeiro romance publicado, “The Broom of the System” (A vassoura do sistema). Mas na época ele não pensava em ganhar a vida com seu trabalho. Ele acreditava que seguiria a carreira acadêmica e lecionaria. Como professor, ele era muito atencioso com seus alunos, recompensando seu trabalho com marcadores de três cores diferentes.

DFW começou a beber muito depois de escrever pela primeira vez. Na faculdade, suas atividades eram interrompidas periodicamente pela depressão e por um programa de reabilitação para tratar o vício em drogas. Foi nesse período que começou a tomar o antidepressivo Nardil, medicamento que o acompanhou até o fim da vida. Em novembro de 1989, um ano após sua tentativa de suicídio, DFW, então com 27 anos, estudava filosofia na Universidade de Harvard quando suas emoções foram abaladas e seu vício em álcool e maconha piorou. Como resultado, ele foi internado no Hospital Psiquiátrico McLean, onde permaneceu por quatro semanas.

---

<sup>3</sup> A partir daqui utilizarei apenas as iniciais do nome do autor para evitar repetições e melhor compreensão do respectivo leitor.

Após esse período, ele decidiu viajar para Granada House, um centro de reabilitação na cidade de Brighton. Apesar de seu sentimento de outsider e sua falta de preocupação com o programa de reabilitação, era mais confortável para ele viver dentro do que fora. Ele se sentiu revigorado pelo conhecimento e que sua condição se tornaria um bem literário. Ele começou a passar dias na companhia dos internos, ouvindo suas histórias e vícios, desde sempre levava consigo um caderno para anotar ideias e inspirações. Esse período de internação foi decisivo para DFW, pois foi nessa experiência imersiva que reuniu o material para sua obra-prima “Infinite Jest” (Graça Infinita), romance de 1.100 páginas publicado em 1996, e traduzido para o português em 2014.

Em 1991, seu primeiro artigo autobiográfico foi publicado na revista Harper’s, Tennis, Trigonometry, Tornados (Harper’s, Tênis, Trigonometria, Tornados). Com o tempo, DFW tornou-se conhecido por sua não-ficção, relatando diversos acontecimentos sob os auspícios de periódicos para expressar suas impressões, seu experimentalismo técnico e seu humor refinado. Como disse ao Boston Phoenix em 1998, ele não era e não queria ser jornalista: Não sou jornalista e não finjo ser, a maioria dos artigos incluídos em “A Supposedly Fun Thing I’ll Never Do Again” foi pra mim com instruções do tipo “Apenas vá para tal lugar, gire 360 graus algumas vezes e nos conte o que viu” (Wallace apud Galera, 2012, p.15).

No entanto, ao longo de sua trajetória de romancista/escritor produziu ensaios e reportagens que seguem o manual de reportagem e ao mesmo tempo incorporam elementos literários, quadro estabelecido pelos pioneiros da área no que diz respeito às potenciais aplicações da linguagem e da metodologia na elaboração de seus relatos literários. Cativado pela aclamação contínua de “Infinite Jest”, DFW abraçou cada vez mais um estilo de vida mulherengo e confidenciou ao seu amigo e colega autor Jonathan Franzen, conhecido por “Liberty”, (Liberdade) que sentia que o seu destino foi moldado por “colocar o meu pênis em tantas vaginas quanto possível.” Ele também rompeu sua parceria com Franzen após uma crítica que ele fez.

Depois de superar essa fase difícil, ele se casou com Karen L. Green em 2004, começou uma vida tranquila e trabalhou em sua obra inacabada “The Pale King”, (O Rei Pálido) publicada em 2011. Em 2007, cerca de 20 anos depois, ele parou de tomar o antidepressivo Nardil na tentativa de se afastar de qualquer droga. No entanto, a falta de medicação leva à recorrência da depressão. Ele então tentou uma série de outros tratamentos e recursos, incluindo terapia de eletrochoque, e começou a tomar Nardil novamente, mas nada mais funcionou. À medida que seu estado piorava, em 12 de setembro de 2008, DFW aproveitou a ausência de sua esposa e se enforcou em sua casa em Claremont, Califórnia, deixando-lhe uma carta de duas páginas e alguns manuscritos.

### **3. JORNALISMO LITERÁRIO: BREVE ABORDAGEM HISTÓRICA E CONCEITUAL**

Diversos estudos teóricos apontam a secularidade do imbricamento entre jornalismo e literatura. Segundo Marcondes Filho (2001 apud Pena, 2006, p. 5), essa relação surgiu nos séculos XVII e XIX, quando escritores de renome se deram conta que o jornal era um veículo que dava mais visibilidade às suas publicações, tanto da linguagem como do conteúdo publicado, relatando que os principais instrumentos eram os folhetins, que simbolizavam a marca fundamental da ligação umbilical entre a literatura e o jornalismo.

Segundo a concepção de outros teóricos, a integração da literatura e do jornalismo ocorreu através do surgimento do *New Journalism* (Novo Jornalismo), movimento que se originou nos Estados Unidos durante a década de 1960. Este movimento é caracterizado

principalmente pela fusão da narrativa jornalística com a narrativa literária. Figuras notáveis dentro deste movimento incluem Tom Wolfe, Truman Capote, Hunter S. Thompson e Gay Talese. Tal afirmação está de acordo com Pena (2006), que a luz desse conceito indica o surgimento de um novo gênero: o jornalismo literário. Esse, por sua vez, se lança como tendência nas relações contemporâneas, mostrando caminhos possíveis para os profissionais da comunicação ampliarem as possibilidades comunicativas.

A prática de criação de conteúdo na forma de Jornalismo Literário envolve a habilidade de mesclar os elementos da literatura e do jornalismo, indo além das diretrizes convencionais estabelecidas pelos manuais de redação. Ao fazê-lo, vai além da mera apresentação de fatos e, em vez disso, enfatiza a experiência subjetiva dos indivíduos envolvidos no processo de comunicação.

Não se trata apenas de fugir das amarras da redação ou exercitar a veia literária em um livro-reportagem. O conceito é muito mais amplo. Significa potencializar os recursos do Jornalismo, ultrapassar os acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do lead, evitar definidores primários e, principalmente, garantir perenidade aos relatos. No dia seguinte, o texto deve servir para algo mais do que simplesmente embulhar o peixe na feira (Pena, 2006, p. 13).

A revelação apresentada neste fragmento permite-nos compreender a noção de que a fusão entre jornalismo e literatura apresenta novos caminhos para a elaboração de histórias jornalísticas. Isto se deve ao fato do jornalista assimilar o conhecimento adquirido no seu cotidiano jornalístico, fundindo-lhe novas interpretações e uma riqueza de informações que desafiam a superficialidade muitas vezes encontrada em conteúdos objetivos e exaustivos, que prevalecem nas publicações modernas.

Através da utilização do Jornalismo Literário, o jornalista é treinado para desenvolver uma estrutura que lhe permita transmitir eficazmente ao leitor suas experiências pessoais e percepções sobre um determinado assunto. Esta abordagem visa fornecer um relato abrangente que estimule a reflexão e a contemplação.

Em contrapartida, o jornalismo noticioso tradicional normalmente adere à estrutura da pirâmide invertida, que se concentra em responder a seis questões fundamentais: o quê?, quem?, quando?, onde?, como?, e porquê?. O famoso modelo de comunicação do teórico Harold Lasswell (1902-1978). Esta técnica serve como orientação para os jornalistas na criação de conteúdos factuais, desempenhando um papel significativo no processo jornalístico global. Como sugere Traquina (2005), os fatos precisam ser colocados em seu contexto para melhor compreensão.

As notícias registram as formas literárias e as narrativas utilizadas para enquadrar o acontecimento. A pirâmide invertida, a ênfase dada à resposta às perguntas aparentemente simples: Quem? O que? Onde? Quando? A necessidade de selecionar, excluir, acentuar diferentes aspectos do acontecimento-processo orientado pelo enquadramento escolhido- são alguns exemplos de como a notícia, dando vida ao acontecimento, constrói o acontecimento e constrói a realidade, (Traquina, 2005, p. 174).

Ao empregar uma narrativa que explora a fusão de vários gêneros, o autor introduz uma nova abordagem para expandir o enredo. No entanto, embora esta abordagem seja ampla, a narrativa também pode criar um certo nível de distanciamento para o leitor que busca uma compreensão imediata. Ao utilizar estrategicamente as convenções de gênero, uma narrativa pode alcançar maior significado e singularidade, levando, em última análise, a uma maior relevância e originalidade.

Ao apresentar as informações de uma maneira que aprimore a compreensão do leitor e capacite-o a se envolver com o assunto, o conteúdo se torna mais acessível e distinguível. Essa abordagem cultiva a capacidade do leitor de pensamento crítico e facilita uma compreensão mais profunda do mundo. Lima enfatiza a “importância do emprego de recursos diversos no Jornalismo Literário para transmitir a realidade a partir de múltiplos pontos de vista e manter o interesse do leitor” (Lima, 2005, p.1).

Numa era em que os indivíduos são incessantemente inundados com informações de inúmeras origens, a procura de conteúdos que transcendem os meros fatos está a remodelar o quadro da narrativa jornalística. Em resposta a isso, o Jornalismo Literário busca atender às demandas dos leitores e superar suas expectativas, criando narrativas diferenciadas e abrangentes.

Dessa forma, o ensaio serve tanto como um gênero de escrita quanto como uma manifestação de pensamento, funcionando como um método para construir conhecimento ao mesmo tempo em que representa uma forma textual de jornalismo literário. Ele também atua como um meio de desvendar as complexidades da realidade, que é inerentemente multifacetada. Assim, é evidente que o ensaio está longe de ser simplista e é de fato bem adequado para aplicação em jornalismo de notícias factuais. É o que veremos a seguir no próximo tópico.

#### **4. O ENSAIO COMO TEXTO JORNALÍSTICO**

No Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (Ferreira, 1988), o termo “ensaio” é definido com múltiplas interpretações. Pode significar uma demonstração, um encontro pessoal ou até mesmo um empreendimento. Estas várias definições tornam-se relevantes quando embarcamos numa exploração mais profunda de um assunto específico na literatura. Reis (2013, p. 1.363), afirma que o conceito de ensaio abrange essas diversas facetas.

Originalmente, o termo “ensaio” referia-se a um texto escrito que transmitia os pensamentos e ideias do autor, apresentando sua perspectiva única. Era uma forma de literatura que incorporava a essência pessoal de seu criador. Larrosa aprofunda essa noção em seu livro intitulado “A operação de ensaio: explorando o processo de ensaiar e refletir no pensamento, na escrita e na vida”.

O ensaio é o escrito precipitado de uma atitude existencial que, obviamente, mostra enormes variações históricas, contextuais e, portanto, subjetivas. Poder-se-ia dizer, talvez, que o ensaio é uma determinada operação no pensamento, na escrita e na vida, que se realiza de diferentes modos em diferentes épocas, em diferentes contextos e por diferentes pessoas. Poder-se-ia dizer, talvez, que o ensaio é o modo experimental do pensamento, o modo experimental de uma escrita que ainda pretende ser uma escrita pensante, pensativa, que ainda se produz como uma escrita que dá o que pensar; e o modo experimental, por último, da vida, de uma forma de vida que não renuncia a uma constante reflexão sobre si mesma, a uma permanente metamorfose. (Larrosa, 2004, p. 32).

O ensaio, gênero profundamente enraizado na tradição literária, tem uma longa história de exploração pessoal, introspectiva e crítica de diversos temas. Embora não tenha origem no jornalismo, encontrou o seu lugar no domínio do jornalismo literário, um subgênero que combina técnicas narrativas literárias com reportagens factuais, informativas e muitas vezes investigativas. O termo “ensaio” foi usado pela primeira vez pelo filósofo francês Michel de Montaigne em 1580, quando publicou sua renomada obra, “Essais”. Esta coleção clássica de textos cobria uma série de tópicos filosóficos, incluindo moralidade, medo, crueldade, bem como assuntos mais domésticos, como casamento e educação dos filhos. Montaigne, nascido em uma família privilegiada e educado no meio acadêmico, aos 38 anos tomou a decisão de se retirar da vida pública e se dedicar à escrita e à autorreflexão.

O gênero ensaio é escolhido porque serve não apenas como forma de escrita no jornalismo, mas também como meio de crítica aberta e parcial. Adorno defende que o ensaio pensa “em fragmentos” e procura a realidade através dessas fraturas, o que justifica a sua utilização neste contexto. Através do ensaio, podemos vislumbrar um todo maior, ainda que de forma parcial ou fragmentada, permitindo uma mistura de busca pela precisão e reconhecimento da falibilidade. Ao contrário de outras formas de escrita, a estrutura do ensaio é caracterizada mais por interrupções do que por continuidade. Ele também sugere o potencial para suspender temporariamente o conflito.

Escreve ensaísticamente quem compõe experimentando, quem vira e revira o seu objeto, quem o questiona e o apalpa, que o prova e o submete à reflexão, quem o ataca de diversos lados e reúne no olhar de seu espírito aquilo que vê, pondo em palavras o que o objeto permite vislumbrar sob as condições geradas pelo ato de escrever (Adorno, 2003, p. 35).

Adorno (2003, p. 35) sugere que a noção de ensaio, ao considerá-lo como forma, está intimamente ligada à ideia de ensaio como meio de treino ou experimentação. Esta conexão é particularmente relevante para o formato de ensaio. As reflexões do autor indicam que o objetivo do ensaio não é alcançar uma análise abrangente, pois não é um gênero que visa explorar todos os aspectos de um determinado fato ou problema. Ele aqui afirma ainda que o ensaio é caracterizado pelo seu inerente sentido de relatividade, exigindo que seja estruturado de uma forma que permita potenciais interrupções a qualquer momento.

Segundo Larrosa (2004), o ensaio passa por uma transformação, deixando de ser uma mera expressão do sujeito para se tornar uma exposição, onde a subjetividade é testada em relação às suas próprias externalidades, ao que não lhe é familiar. Ao discutir a percepção de um lugar desconhecido, surge o sentimento de não pertencimento total ao sujeito, e se vê falando a partir de uma perspectiva de fora, do ponto de vista da observação. Ela também sugere que o ensaio, como forma de escrita que estabelece uma ligação com o presente, ocorre precisamente neste espaço de ligação que é simultaneamente uma distância ou, mais precisamente, é criado através da distância. É através desta distância que o estranho consegue iniciar uma conversa, chegando como um estranho e tentando compreender o desenrolar dos acontecimentos.

Lima (2005) apresenta uma divisão do ensaio separando-o em dois trechos distintos: o formal e o informal. Na parte inicial centrada na razão, abordada de forma objetiva, com o objetivo final de buscar na primeira abordagem, os assuntos são abordados de forma didática, com uma compreensão que se apoia no raciocínio metódico e objetivo. No entanto, a segunda abordagem permite um maior grau de subjetividade. A busca pela compreensão é um objetivo comum entre os dois, embora possa ser envolvida de forma mais ampla sem aderir a uma metodologia específica.

O ensaio pessoal exige, portanto, muita coragem do autor. Disposição para despir-se por inteiro para o leitor. A humanização que se destaca nesse caso é a do próprio escritor, sua vulnerabilidade diante de acontecimentos sumamente tocantes. Revela-se frágil ou tomando consciência de seus limites, diante dos paradoxos da vida. Ele é o protagonista da sua própria história, mas não a conta, apenas. Filósofa. Mas faz isso de um patamar de necessidade orgânica profunda. O movimento para expor seu mundo interior procede das entranhas. A cura vem pela exposição (Lima, 2005, p. 432).

Dessa forma, incentivar os futuros profissionais a pensarem crítica e reflexivamente desde cedo sobre essas formas de reportagens que constituem a estrutura da sociedade pode garantir ou pelo menos despertar o conhecimento para desejos futuros de construção de novos modelos propícios ao enriquecimento e à divulgação. O caminho para fazer este tipo de jornalismo começa com jornalistas que procuram primeiro compreender a humanidade, em vez de reduzi-la, abrindo assim espaço para novas interpretações e vozes. E, cada vez que esses sons reverberarem, outros estarão dispostos a ouvir, aprender mais sobre essa forma, esse método, e em pouco tempo se acostumam mais com o gênero do ensaio. É uma prática que pode ser libertadora, principalmente para quem não se satisfaz mais com o princípio da objetividade e busca uma filosofia alternativa de comunicação. Algo que DFW já fazia com maestria em suas reportagens.

As sete pontas da estrela, que guia a construção da reportagem literária de Pena (2006), servirão como base para a análise que será feita a seguir. Na prática, poderemos identificar essas características e ilustrá-las conforme for necessário. Isso permitirá a compreensão do que se espera do ensaio “Pense na Lagosta”, que carrega consigo os traços característicos deste jornalismo onde o DFW busca beber da fonte da literatura.

## **5. PENSE NA LAGOSTA – UMA PROPOSTA DE ANÁLISE**

A abertura de “Pense na lagosta” apresenta um relato padrão, fornecendo uma representação completa do Festival da Lagosta do estado do Maine nos EUA. A impressão inicial do texto pode sugerir uma franqueza que é rapidamente desmontada após um exame mais detalhado. Fica evidente que o termo “lagosta” é recorrente ao longo do ensaio, detalhe que pode passar despercebido a princípio, mas que parece essencial devido ao assunto em discussão. Mesmo neste momento, a decisão de repetir a palavra “lagosta” parece suscitar no leitor um sentimento de envolvimento, como se estivesse a ser arrastado para um cenário mal construído centrado no crustáceo fetichizado. Neste ponto podemos identificar logo de cara que o quinto critério é utilizado neste trecho: Romper com as correntes do lead.

O enorme, pungente e muitíssimo bem divulgado Festival da Lagosta do Maine ocorre a cada final de julho na região costeira central do estado, isto é, o lado ocidental da baía de Penobscot, tronco nervoso da indústria da lagosta do Maine. A chamada região costeira central vai de Owl’s Head e Thomaston, ao sul, até Belfast, ao norte. (Na verdade poderia se estender até Bucksport, mas nunca conseguimos passar de Belfast seguindo rumo ao norte pela Route 1, cujo tráfego no verão é, como se pode imaginar, inimaginável.) As duas principais comunidades da região são Camden, com suas famílias ricas tradicionais, marina, restaurantes cinco estrelas e pousadas maravilhosas, e Rockland, um vilarejo de pescadores muito antigo que a cada verão abriga o festival no histórico Harbor Park, bem ao lado da água. (Wallace, 2012, p.140).

À medida que a narrativa se desenvolve, o panorama de fundo passa a ser os personagens. O primeiro passo para atingir este objetivo é a caracterização da lagosta. Em um movimento DFW detalha muitos aspectos da anatomia do crustáceo e a forma como ele foi consumido ao longo da história, desde “pouco alimento” até se tornar uma “iguaria sofisticada, alguns graus mais fria que o caviar” (Wallace, 2012, p.142). Uma descrição detalhada da lagosta é necessária porque: “Para efeitos práticos, todos sabem o que é uma lagosta. No entanto, como sempre, há muito mais que a maioria de nós gostaria de saber - tudo depende do interesse pessoal ” (Wallace, 2012, p. 141). Aqui identificamos também o compromisso do autor de dar credibilidade ao que está sendo escrito e quem o lê, se alinhando com o quarto critério que é: Exercitar a cidadania.

A lagosta tem uma função utilitária que é a de ser consumida. Ao aprofundar-se nos detalhes deste crustáceo, o autor aventura-se além do domínio do conhecimento comum, convidando o leitor a embarcar na mesma viagem de descoberta. A noção da lagosta ser considerada “contemporânea” e o alimento mais fresco disponível, como observa (Wallace 2012, p. 145), expõe as contradições inerentes e os aspectos ocultos de nossa era atual. Isto é exemplificado através de um retrato único da lagosta, que será discutido mais adiante, revelando os elementos obscuros do Festival que não podem ser iluminados pelos “faróis” sugeridos no seu tema. Aqui podemos identificar o primeiro critério de Pena que é: Potencializar os recursos no Jornalismo. Como apresenta o seguinte trecho do ensaio.

A palavra inglesa lobster vem do inglês antigo loppestre, supostamente uma corruptela de *locusta*, a palavra latina para gafanhoto que também é a raiz de “lagosta”, combinada com o inglês antigo *loppe*, que significa aranha. (Wallace, 2012, p.141).

A expressão textual descritiva marca todo o processo de aprofundamento gradativo no texto, indicando que a tarefa aparentemente simples de descrever a participação em um evento conduziu o autor, por uma natural sequência causal, à questão moral sobre o direito do homem a sujeitar outros seres vivos a um ritual de tortura. Num movimento de descrição e inferências que vão da feira à lagosta passando pelos homens, o texto explora uma progressão da feira à lagosta e aos indivíduos, destacando o desejo do autor de compreender o sofrimento único no gozo coletivo. DFW reconhece a presença de violência que atinge tanto os homens quanto as lagostas. Ou seja, vemos que o ponto de vista do autor se alinha com o sexto critério que é: Evitar definidores primários. Como veremos no trecho a seguir.

A comida é servida em bandejas de isopor, os refrigerantes não têm gelo nem gás, o café é café de loja de conveniência em mais isopor e os talheres são de plástico (não é possível encontrar nenhum daqueles garfos especiais e compridos que servem para extrair a carne da cauda, ainda que alguns clientes espertos tragam os seus de casa). (Wallace, 2012, p.142).

Continuando a retratar a Tenda Principal de Alimentação, uma infinidade de detalhes absurdos se juntam para criar uma imagem vívida: o uso excessivo de ingredientes aplicados no preparo dos crustáceos, resultando na diminuição da qualidade destes alimentos; o comportamento frenético dos indivíduos, buscando desesperadamente um lugar em meio ao ambiente superlotado e sufocante, cheio de calor e barulho, como o próprio autor pondera: “para a qual existe uma fila constante digna da Disneylândia” (Wallace, 2012, p.142). Esta representação captura a essência da cena de uma maneira típica. Aqui esse trecho se alinha ao segundo critério que é: Ultrapassar os limites do cotidiano.

Após a conclusão do entretenimento contemporâneo, ou seja, da leitura do ensaio, os leitores podem rir. Esse riso é resultado da habilidade do autor de retratar o absurdo e da capacidade do leitor de relacioná-lo com sua própria vida cotidiana. No entanto, o desdém de DFW pelo turismo, expresso através de uma longa nota de rodapé, revela o seu desejo de manter a sua individualidade em vez de se conformar com a experiência típica americana. É nessa perspectiva que ele muda seu foco para as lagostas, reconhecendo o cativo coletivo que elas formam de forma profundamente angustiada.

Por serem bastante solitárias no oceano, as lagostas também claramente desgostam do amontoamento que é parte indissociável do seu cativo em aquários, pois (como também já foi mencionado) um dos motivos pelos quais se amarram as garras das lagostas assim que elas são capturadas é evitar que elas ataquem umas às outras por conta do estresse do armazenamento em espaços exíguos. (Wallace, 2012, p.151).

Neste cenário, semelhante ao exemplo anterior, existe um retrato caracterizado tanto pelo absurdo quanto pela angústia. No entanto, ao contrário de uma reunião de indivíduos onde a alegria e o sofrimento visam à mesma entidade, as lagostas ancoram e passam pelo sofrimento apenas para garantir o prazer do seu algoz e captor. Neste contexto, o riso torna-se impossível. As lagostas encontram-se numa situação bastante igual ao seu estado natural, como observa com astúcia o autor, circunstâncias que suscitam pena porque não escolheram a normalidade. Aqui identificamos o terceiro ponto que é: Proporcionar uma visão ampla da realidade.

Na verdade o Festival da Lagosta do Maine é uma feira interiorana de nível médio com gancho culinário, e nesse respeito não difere muito dos festivais de caranguejos de Tidewater, dos festivais do milho do Meio-Oeste, dos festivais de chili do Texas etc., e compartilha com estes acontecimentos o paradoxo central de todos os apinhados eventos comerciais populares: Não é para todos. (Wallace, 2012, p.143).

Ao descrever a coleta das lagostas, não se pode vivenciar o calor e o perfume que definem o grupo de homens. Em vez disso, eles exalam uma angústia arrepiante e frígida. A intenção de DFW é desvincular o leitor de sua perspectiva habitual e do fascínio do consumo. Ao destacar a angústia das lagostas, o autor enfatiza os aspectos únicos de sua existência, como sua natureza solitária, que as diferencia dos aquários comuns encontrados em restaurantes sofisticados, onde são guardados alimentos vivos e frescos para os clientes.

Em total contraste com a vida lotada e agitada do americano médio, as lagostas levam existências solitárias nas profundezas da escuridão. Embora seja impossível compreender plenamente as suas emoções. DFW explora extensivamente este assunto através da exploração científica e afirma que eles inegavelmente nutrem uma forte aversão às suas circunstâncias. Esta verdade é enfatizada pela repetição de argumentos do autor, uma técnica normalmente não empregada em sua escrita. Sem medo da redundância, ele sublinha o tratamento desumano destes crustáceos, mesmo antes da sua morte, que serve como cerne do seu argumento.

Em nossa discussão anterior, destacamos a transição dos crustáceos de meros elementos de fundo para personagens completos, cada um com sua experiência única de morte. DFW se aprofunda na descrição detalhada de um determinado crustáceo e faz uma comparação com os mamíferos, levantando a questão de saber se a percepção de primitividade do primeiro diminui a urgência ou o desconforto em contemplar seu sofrimento.



Em certo momento, o autor pondera: “Por que o sofrimento de um ser primitivo e inarticulado seria menos premente ou incômodo para quem contribui para ele adquirindo os alimentos derivados desse sofrimento?” (Wallace, 2012, p. 151). Seguindo em frente, o foco se desloca para aqueles indivíduos que, por seu desejo, assumem a responsabilidade por esse sofrimento: os consumidores de lagosta do Festival, os leitores do texto do autor e os homens em geral.

A conclusão de DFW é cheia de ironia, pois sugere que o destino da lagosta está, em última análise, nas mãos dos indivíduos. Seja no confinamento de uma cozinha ou de um restaurante, a responsabilidade pelo destino da lagosta recai sobre a consciência pessoal e sobre a decisão tomada, mesmo que pareça trivial. Isso enfatiza o poder de escolha que cada pessoa possui. Conseqüentemente, isto apresenta um dilema significativo da modernidade - somos capazes de julgar os outros e condená-los à morte sem qualquer contemplação adicional das nossas ações, especialmente quando estamos desligados das suas experiências? Dessa maneira, vemos que o sétimo critério que é: Perenidade, onde o DFW traz uma reflexão a respeito aos animais.

Indentado

Todavia o mais importante aqui é que toda a questão da crueldade com os animais e da moralidade de comê-los não é apenas complexa, mas também desconfortável. Ou pelo menos é desconfortável para mim, e para praticamente todos os meus conhecidos que apreciam uma ampla gama de alimentos e ao mesmo tempo não querem se enxergar como cruéis ou insensíveis. Até onde percebo, minha principal maneira de lidar com esse conflito tem sido evitar pensar sobre esse assunto tão desagradável. (Wallace, 2012, p.147).

Para responder à questão acima mencionada, DFW alinha-se com as lagostas devido à sua inclinação para a solidão e aversão às multidões. Ele emprega uma experiência identificável de observação de lagostas vivas em um aquário, onde os indivíduos muitas vezes selecionam seu jantar enquanto a lagosta os encara. “Pense na lagosta” assume a perspectiva da lagosta dentro do aquário, dando voz a essas criaturas que não conseguem vocalizar sua angústia diante de um dedo apontado. Vale ressaltar também que o ensaio do DFW nos mostra claramente um posicionamento claro em relação à causa animal, como foi visto no trecho destacado anteriormente e recebeu mais tarde o apoio de ONGS de defesa dos animais dos EUA.

O texto do DFW apresenta uma gama diversificada de argumentos, não de uma forma simplista, como um panfleto, mas antes com uma consideração cuidadosa. Em vez de atribuir culpas, o texto aponta o dedo para o leitor, instando-o a se envolver na introspecção e a considerar perspectivas alternativas. A própria estrutura do texto, um ensaio longo e bem elaborado, enfatiza ainda mais a importância da reflexão para o leitor. Através do recurso literário em “Pense na lagosta”, o escritor pretende metaforicamente libertar as lagostas do seu destino inevitável de serem consumidas. Isto leva o leitor a realizar um exame ético que pode levar à verdadeira libertação tanto das lagostas como de si próprios do sofrimento e dos pratos vazios. A narrativa textual explora uma progressão da feira à lagosta e aos indivíduos, destacando o desejo do autor de compreender o sofrimento único no gozo coletivo. DFW reconhece e retrata a presença de violência que atinge tanto os homens quanto as lagostas.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os ensaios de DFW combinaram perfeitamente os domínios do jornalismo e da literatura, como foram feitos sob medida para esta forma única de expressão. Neste ensaio em específico, testemunhamos a investigação metódica e as experiências em primeira mão que são características do jornalismo, ao mesmo tempo que somos cativados pelas técnicas literárias, pelo fluxo gracioso das palavras e pela presença de um narrador-personagem.

No presente artigo, a finalidade foi analisar o ensaio *Pense na Lagosta*, de DFW. Ao apresentar a lagosta como uma entidade individual, o leitor é levado numa viagem que se estende muito além dos limites dos leitores originais da revista *Gourmet*. Esta dualidade de foco singular e exploração expansiva ultrapassa os limites do gênero literário. Embora se aprofunde em detalhes intrincados e atenda a um público específico, expõe habilmente as contradições de nossa época e os dilemas éticos que assolam a humanidade. Os olhos de DFW procuraram as sombras, vendo nelas a dor de uma lagosta que amava o isolamento como o seu.

O leitor é convidado a ir além do brilho e da clareza superficial de uma revista de culinária, ativando seu gosto refinado pela leitura ao navegar pelos meandros do texto: as extensas e contemplativas notas de rodapé, a habilidade literária nas cenas e o potencial para uma contemplação profunda do mundo através de assuntos aparentemente descomplicados. A principal preocupação que emerge centra-se no conceito de “escolha”: embora os homens e as lagostas possam partilhar certas semelhanças no que diz respeito a experiências como a dor e o medo, eles divergem no que diz respeito à capacidade de fazer escolhas.

Nossa compreensão limita-se ao fato de que os homens optam voluntariamente por causar danos a outro ser vivo apenas para seu próprio benefício. A decisão do autor de contemplar as lagostas reflete-se na sua escrita, o que incentiva os leitores a juntarem-se a ele na reflexão sobre esta criatura fascinante.

Ao considerar o ensaio como uma forma de expressão, reconhecemos também o seu potencial como um meio de criação mais equitativo para os próprios jornalistas. A consciência de apresentar uma narrativa imparcial enquanto se lida com questões subjetivas pode ser desconfortável, especialmente para jornalistas comprometidos com padrões éticos. Em certos casos, é benéfico proteger a identidade por trás de um texto autoral que transmita de forma transparente a mensagem pretendida. DFW se posicionou diretamente na frente do leitor, reconhecendo abertamente sentimentos de tristeza e desespero e assumindo o controle de seus pensamentos. Ele estendeu um convite aos leitores, oferecendo-lhes a opção de aceitar sua mão estendida e dialogar.

## REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. W. O ensaio como forma. IN: ADORNO, T. W. **Notas de literatura I**. Tradução de Jorge de Almeida. São Paulo: Editora 34, 2003, p. 35
- DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. (Orgs.). **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 15-41.
- FERREIRA, A. B. H. **Dicionário aurélio básico da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.
- GALERA, D. Prefácio. In: WALLACE, D. F. **Ficando longe do fato de já estar meio que longe de tudo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 140 a 154
- LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. Barueri: Manole, 2005.
- MAX, D. T. **Every Love Story is a Ghost Story: a life of David Foster Wallace**. New York: Penguin Books, 2012.
- PENA, Felipe. **Jornalismo Literário: a melodia da informação**. São Paulo: Contexto, 2006.
- TRAQUINA, Nelson. Teorias do jornalismo: **A tribo jornalística** – uma comunidade interpretativa transnacional. II. Florianópolis: Insular, 2005.
- REIS, L. **Notas de pesquisa: o ensaio latino-americano do século XX**. IN: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISPANISTAS, 5., 2008, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: UFMG, 2009. Disponível em: [http://www.lettras.ufmg.br/espanhol/Anais/anais\\_paginas\\_%201005-1501/Notas%20de%20pesquisa.pdf](http://www.lettras.ufmg.br/espanhol/Anais/anais_paginas_%201005-1501/Notas%20de%20pesquisa.pdf). Acesso em: 02 de Junho de 2024.
- LARROSA, J. A operação ensaio: sobre o ensaiar no pensamento, na escrita e na vida. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 29, n. 1, , p. 32, jan./jun. 2004. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/25417>. Acesso em: 08 de Junho de 2024.

## AGRADECIMENTOS

Inicialmente, agradeço a Deus, por ter me dado forças e coragem para superar as diversas adversidades e desafios que marcaram a minha trajetória acadêmica e também na minha vida.

De uma forma especial, aos meus queridos pais **Francisco de Assis da Silva (in memorian)** e **Maria Edite Melo da Silva**, que com muito esforço e luta fizeram o possível para que eu pudesse estudar e ter a possibilidade de ter um futuro melhor.

Aos meus irmãos pelo apoio.

A todos os amigos que fiz durante a graduação, Karina, Ygor, Luíza Dotta, Erik, Augusto, Bruna, Maria (Little Help), Iádyne, Amanda, Caio Oliveira, Celso, Mykaele, Alex, Jeferson e Isabel. Levarei ótimas lembranças dessa turma para o resto da minha vida.

Também de uma forma especial, à Universidade Estadual da Paraíba, por proporcionar a oportunidade de poder chegar a essa conquista.

Agradeço ainda aos professores e professoras que, com muito esforço, contribuíram bastante para que eu pudesse chegar até aqui, em especial a professora Dr<sup>a</sup>. Ada Kesea Guedes Bezerra, por repassar os seus riquíssimos conhecimentos lá no segundo período do curso na disciplina de Jornalismo Impresso e agora me orientando nesta pesquisa, e ao professor Me. Rafael de Araújo Melo (Poeta), por me mostrar nas suas aulas de Jornalismo Literário como a literatura pode humanizar e sensibilizar as narrativas jornalísticas e transformá-las em algo único e especial. E ao professor Dr. Jurani Clementino, por contribuir com seu olhar atento em prol de melhorias deste trabalho.

No entanto, todos os que não foram citados aqui, mas que de alguma forma cruzaram meu caminho neste percurso, foram essenciais nessa jornada, sem a ajuda deles jamais chegaria onde cheguei, em resumo, minha palavra é gratidão, Deus retribua a todos.